

Práticas de pesquisa em dissenso com o discurso social hegemônico em estratégia e organizações na engenharia de produção

Orlando Gomes-da-Silva (UFPB) orlandosilva@gmail.com
Guilherme de Albuquerque Cavalcanti (UFPB) direcao@ccsa.ufpb.br
Rosivaldo de Lima Lucena (PPGEP-UFPB) rosivaldo.lucena@uol.com.br
Rafael Ferreira da Silva (UFPB) contato@rafaelsilva.com

Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa que buscou uma discussão crítica sobre a produção científica em Estratégia e Organizações no âmbito do ENEGEP no período de 2001 a 2005. Tratou-se de um estudo exploratório de análise de conteúdo, num universo de 517 artigos. A parte divulgada nesse artigo traz o essencial da base teórica crítica que permitiu a análise, e apresenta a produção em dissenso com o discurso social hegemônico em estratégia e organizações no ENEGEP. Os resultados encontrados ainda são tímidos, mas a perspectiva dos Estudos Críticos em Gestão certamente ainda tem muito por ser explorado. Palavras-chave: Produção científica; Estratégia e organizações; Engenharia de produção; Pós-modernismo; Teoria crítica.

1. Introdução

O fio condutor para a discussão crítica da produção científica em *Estratégia e Organizações* proposta na pesquisa realizada foi contruído com variadas noções. Peças que interagem, questões se relacionam principalmente a mudanças de paradigmas. Tratou-se de um estudo exploratório, que procurou identificar números, instituições, autores e outras características da produção científica num universo de 517 artigos publicados entre os anos de 2001 a 2005 na área Estratégia e Organizações nos anais do ENEGEP (GOMES-DA-SILVA, 2006).

Para o alcance dos objetivos da pesquisa foi desenvolvido um sistema informatizado em PHP (linguagem de programação livre utilizada para gerar conteúdo dinâmico na Web) e MySQL (sistema de gerenciamento de bancos de dados relacional), onde foram feitos os registros das principais informações dos artigos: ano; sub-área temática; títulos; autores e vínculos institucionais. As relações entre os artigos e os valores de cada domínio (conjunto de valores em colunas de tabelas de bancos de dados) pode ser resgatada por meio de comandos de pesquisa personalizados na página da internet. O método utilizado foi o de análise de conteúdo, principalmente as técnicas de categorização.

A parte da pesquisa divulgada neste artigo apresenta o objetivo intermediário de identificar dissenso com o discurso social hegemônico na produção científica em estratégia e organizações no âmbito do ENEGEP. Entretanto, mais importante que apresentar esse quadro é a síntese da base teórica que permitiu a análise.

O texto está organizado em mais cinco seções além desta introdução. Na seção 2, contextualiza-se a noção de paradigmas organizacionais e indica-se a base da teoria organizacional por trás do estudo. Na seção 3, são apresentadas as premissas quanto à pesquisa em estratégia empresarial. Nas seção 4, apresenta-se a noção de *Estudos Críticos em Gestão*. Na seção 5, encontra-se a identificação da produção em dissenso com o discurso social hegemônico em *Estratégia e Organizações* no ENEGEP. Finalmente, na seção 6, encontra-se um esboço de conclusão.

2. Organizações e Paradigmas

A evolução dos conceitos sobre a organização pode ser contextualizada, segundo Motta e Vasconcelos (2002), numa transição entre dois marcos. Primeiro a visão clássica, dos pioneiros da gestão empresarial, as organizações “máquinas”. Essa concepção vê a empresa como um todo coerente e estruturado por objetivos que permitem a gestão. Segundo, o desafio mais recente, a compreensão das organizações vistas como “esferas culturais, simbólicas e políticas”, onde, a partir do processo de institucionalização e construção social da realidade, indivíduos e grupos em um determinado momento fazem as escolhas dos diversos objetivos e estruturas sociais.

Motta e Vasconcelos (2002) propõem um entendimento da teoria organizacional a partir da análise das contribuições das Escolas da Administração e dos Enfoques Pós-Contingenciais. Cada uma dessas classificações representa um conjunto de proposições teóricas, que podem ser posicionadas em relação aos seus principais focos (interno/ambiente - estrutural/relacional), hora focalizam o aspecto estrutural (organização formal, regras, normas e estruturas organizacionais, elementos visíveis e explícitos), hora o relacional (organização informal, elementos comportamentais e subjetivos). Da mesma forma que em certos momentos direcionam-se para a estrutura interna das firmas e em outros para o ambiente externo. No que tange à teoria organizacional, a análise divulgada no presente artigo buscou uma compreensão de cada uma dessas abordagens a partir dos trabalhos, dentre outros autores, de Aktouf (2004), Burrell (1999), Daft (2003), Motta e Vasconcelos (2002) e Ramos (1989).

Considera-se que, no que tange à teoria organizacional, a noção mais relevante para o presente artigo é a de paradigmas organizacionais. Paradigmas são uma forma de ver o mundo e como este deveria ser estudado. Um ponto de vista acordado e profundamente assentado que é compartilhado por um grupo de cientistas com uma linguagem conceitual comum, na busca de um edifício conceitual comum e com uma postura política muito defensiva em relação aos de fora (BURRELL, 1999).

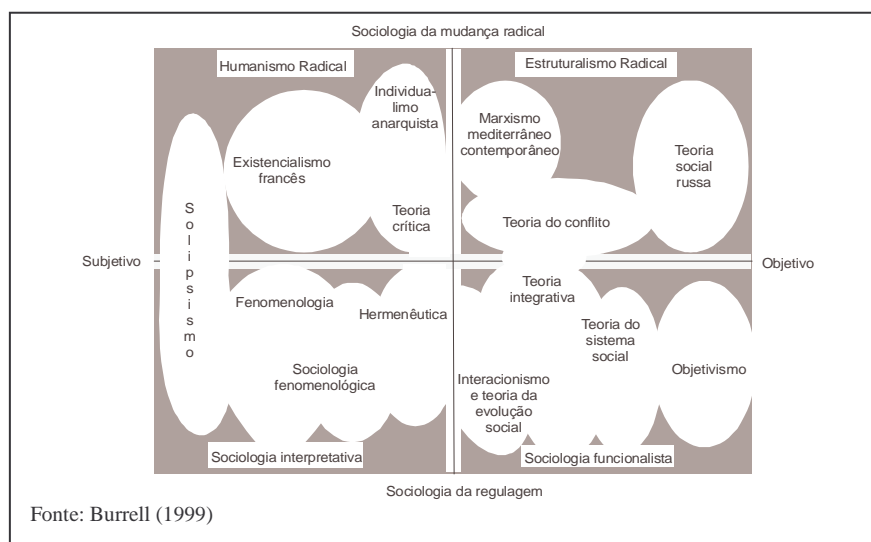


Figura 1 - Os quatro paradigmas sociológicos

Burrell e Morgan (1979) identificaram quatro “paradigmas” que são necessariamente formados pela adoção de uma posição a partir de duas dimensões conceituais básicas, a sociológica e a científica. Segundo Burrell (1999), considerando que a sociologia e a teoria organizacional são partes não litigiosas da ciência social, qualquer especulação nessas áreas

tem que fazer suposições tanto sobre a natureza da sociedade, quanto sobre a natureza da ciência. Se isso não for feito consciente ou inconscientemente, não está sendo feita uma afirmação da ciência social. A delimitação de Burrell e Morgan (1979) pode ser observada na figura 1.

Segundo Burrell (1999, p. 447), o estabelecimento dos paradigmas organizacionais foi um tipo de “delimitação procustea”, articulada numa tentativa de estabilização do campo. A expressão é inspirada na mitologia grega. Procusto era um salteador sanguinário que deitava suas vítimas sobre um leito de ferro para sacrificá-las, se as vítimas fossem menores que o leito eram estiradas com cordas e roldanas, se fossem maiores a parte que sobrava lhes era extirpada. Usa-se o termo “Leito de Procusto” para qualquer tipo de padrão que seja aplicado à força, sem respeito por diferenças individuais ou circunstâncias especiais.

Burrell (1999, p. 450) destaca que a noção de paradigmas organizacionais forneceu condições para que alguns analistas abraçassem outros quadros de referência, porém, o problema de incompatibilidade entre os paradigmas é central dentre os problemas dos paradigmas organizacionais. Por um lado há aqueles que criticam a incompatibilidade e advogam formas de estabelecer conversações entre os diferentes paradigmas, por outro há aqueles que defendem que a incompatibilidade está não só na epistemologia, mas também na política.

Em estratégia a noção não é muito diferente. Alguns dos questionamentos que tem sido feito às práticas propostas pela disciplina tanto se inserem no contexto epistemológico quanto podem declinar para uma prática política. É desse contexto que trata a próxima seção.

3. A pesquisa em estratégia

A pesquisa em Estratégia Empresarial passa atualmente por uma importante fase. Powell (2001) questiona a estrutura lógica das proposições sobre vantagem competitiva - VC, enquanto Whittington (2004) afirma que os pressupostos da área se esgotaram e ou são inconsistentes. Emerge, principalmente na Europa, a perspectiva da estratégia enquanto prática social (CLEGG; CARTER; KORNBERGER, 2004; JARZABKOWSKY; WILSON, 2004; WHITTINGTON, 2004).

Powell (2001) trata dos porquês da pesquisa em estratégia não poder confiar nas justificações lógicas e filosóficas convencionais dos estudos em gestão estratégica. Para o autor, a hipótese central de que a VC produz desempenho superior sustentável encontra pouco suporte na inferência formal dedutiva ou indutiva. As teorias líderes incorporam barreiras de refutação que impedem testes empíricos imbuídos de um sentido compreensivo. A maioria dos estudos infere a existência de VC a partir de observações *ex-post* do desempenho, então, desenham a conclusão inversa que criar VC *ex-ante* produz desempenho superior sustentável.

O argumento central de Powell (2001, 2002, 2003) é que a hipótese da VC é axiomática, está imune à refutação empírica, assim como a suposição da concorrência perfeita. Deixa de ser hipótese testável para assumir o caráter de alguma forma de ideologia ou mesmo fé. O autor evidencia a tautologia nos pressupostos centrais das teorias que tentam explicar o desempenho superior (variável dependente) a partir das vantagens competitivas (variável independente). O problema é que desempenho superior e vantagem competitiva são funcionalmente equivalentes para os estudos em estratégia.

Powell (2002) propõe uma hipótese alternativa que é logicamente possível e, segundo o autor, nunca foi testada ou mesmo proposta na pesquisa em estratégia. O esquema proposto pelo autor pode ser observado na figura 2. A explicação é que os pesquisadores ocasionalmente referem-se a desempenho inferior apesar das vantagens competitivas (área 1, figura 2-b), porém a área 2 (figura 2-b) nunca surge como uma possibilidade empírica, ou seja, que a

organização tenha desempenho superior sem vantagens competitivas.

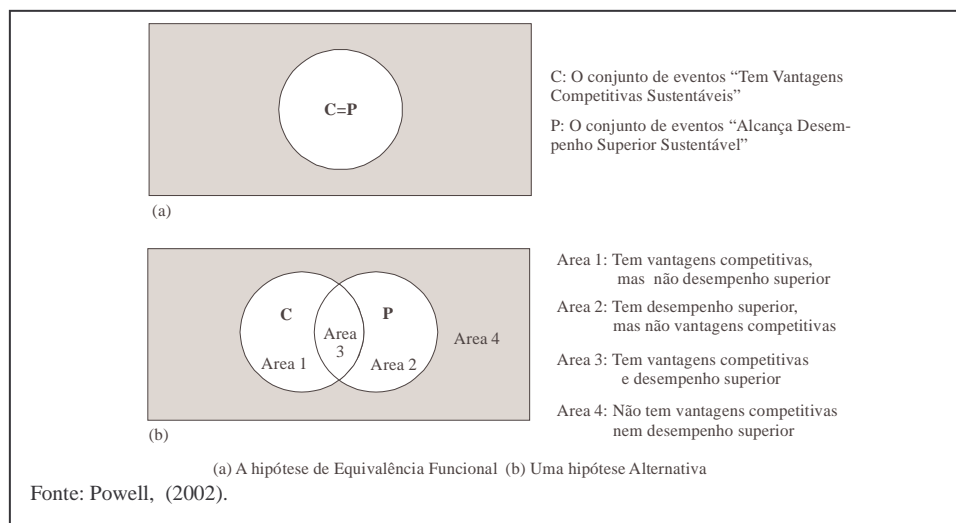


Figura 2 - Argumento para a inconsistência científica das hipóteses da VC.

Para Whittington (2004), o modernismo manteve a estratégia restrita em termos epistemológicos, pois considerou a imparcialidade científica superior ao engajamento prático, o geral superior ao contextual, e o quantitativo superior ao qualitativo. Segundo Clegg, Carter e Kornberguer (2004) o foco atual é na nova agenda para os estudos em estratégia, que apresenta dois objetivos:

- Tratar a estratégia como uma importante prática social, que exige uma séria análise sociológica;
- Transformar esse conhecimento em uma maneira de melhorar o modo como as estratégias são conduzidas.

Considerar a estratégia como uma prática social, como algo que as pessoas fazem, tem um efeito descentralizador sobre as proposições tradicionais da finalidade da estratégia. Tradicionalmente a estratégia se preocuparia com a performance e a VC das firmas [...]. Uma sensibilidade à prática[...] deslocaria o nível de análise para uma instância acima e outra abaixo da firma. (WHITTINGTON, 2004, p. 48)

Whittington (2004, p. 48) explica que num deslocamento do nível de análise para cima deve-se olhar para estratégia numa perspectiva sociológica, como um “amplo campo de atividade social cujas práticas são importantes para a sociedade como um todo”. Em sendo assim, não é tanto o desempenho da firma que importa, mas sim o desempenho da estratégia como um campo. Já no deslocamento para a instância abaixo da firma deve-se focar na perspectiva gerencialista e tratar dos processos estratégicos gerais das firmas e das atividades daqueles que praticam a estratégia. Nesse caso, o que importa é a ação dos estrategistas no desempenho dos seus papéis.

Clegg, Carter e Kornberger (2004, p. 26 -30) destacam que a proposição de estratégia enquanto prática oferece a perspectiva de evolução de uma prática disciplinarmente normativa e prescritiva a uma “prática essencialmente empírica em seu foco nos etnométodos do estrategista do cotidiano e nas utilizações que estes fazem dessas respostas disciplinares de segunda ordem”. Há que haver, entretanto, um compromisso com o desenvolvimento de estudos apoiados em conceitos fundamentais para a compreensão da estratégia como prática. Nesse caso, os contornos-chave de pesquisa incluem foco em pelo menos seis áreas: poder,

identidade profissional, agentes não humanos, ética, linguagens e instituições.

Nesse sentido, o pós-modernismo e a teoria crítica se apresentam como alternativas epistemológicas tanto para o problema dos paradigmas organizacionais quanto para os novos contornos da pesquisa em estratégia. Como depreende-se na seção a seguir, essa concepção trabalha com uma série de características que se aproximam de ambas as necessidades. Na próxima seção tenta-se entremear as principais composições dos Estudos Críticos em Gestão, partindo da premissa do pós-modernismo.

4. Estudos críticos em gestão

De acordo com Kumar (1997, p. 13-15), na década de 60 e princípio da década de 70 do século XX vários “sociólogos ilustres formularam uma interpretação da sociedade moderna que rotularam de teoria da sociedade pós-industrial”. Nas décadas seguintes, como que em uma continuidade ou um recorte particular da teoria pós-industrial, surgiram os conceitos de “sociedade da informação” e “pós-fordismo”. De forma mais abrangente se desenvolveria então uma “terceira corrente da teoria pós-industrial”, a teoria da sociedade ‘pós-moderna’, o pós-modernismo.

Em Alvesson e Deetz (1999), a colocação é que nas ciências sociais o termo pós-modernismo “tem sido usado para descrever um clima social, um período histórico caracterizado por mudanças sociais e organizacionais, e um conjunto de abordagens filosóficas para o estudo da organização e de outras áreas”. (ALVESSON; DEETZ, 1998, p. 229).

Burrell (1999, p. 454-458) dá enfoque aos trabalhos de Foucault e Derrida. De certa forma incluindo-os, não sem várias ressalvas, nesse pós-modernismo. De Foucault, entre outras questões, destaca como o método arqueológico e o genealógico prestam-se a abordagens nos estudos organizacionais. Quanto a Derrida, destaca que “a noção [...] de desconstrução tem provado ser um estímulo poderoso às formas de pensamento pós-modernas. Ela lança uma maneira totalmente diferente de pensar e ‘ler’ textos”.

Tanto Burrell (1999) quanto Kumar (1997) relacionam as idéias de pós-modernismo com o fim do século. Para Kumar (1997) os *fin-de-siècle*, pelo menos na tradição ocidental, apresentam a tendência de inspirar um tipo de pensamento profético, onde se prenunciam as mudanças que o futuro reserva e um sentimento de transformação permeia o pensamento coletivo. Esse sentimento está de alguma forma relacionado ao legado do milenarismo no pensamento ocidental.

Harvey (1996, p. 97) analisa a possibilidade de se propor uma passagem do modernismo para o pós-modernismo. Para este autor deve-se considerar que o modernismo é uma “perturbada e fugidia resposta estética a condições de modernidade produzidas por um processo particular de modernização”. Em consequência, uma interpretação adequada da ascensão do pós-modernismo tem de se haver com a natureza da modernização, para ser capaz de julgar se o pós-modernismo é uma reação diferente a um processo imutável de modernização, ou se pressagia ou reflete uma mudança radical na natureza da própria modernização rumo a algum tipo de sociedade ‘pós-industrial’ ou mesmo ‘pós-capitalista’.

Lado a lado com as concepções pós-modernas no campo da gestão posiciona-se a Teoria Crítica, a concepção filosófica do que costuma-se denominar de Escola de Frankfurt, onde o filósofo contemporâneo Jürgen Habermas é apontado como expoente de uma 2ª geração. Mattos (2002), ao indicar as equivalências entre Rorty (expoente do pensamento pós-moderno) e Habermas, de certa forma contribui para a noção de que pós-modernismo e teoria crítica, enquanto consciências filosóficas distintas, partilham uma concepção semelhante, mais especificamente em relação à objetivação do conhecimento.

Em Alvesson e Deetz (1999, p. 230), a proposta é situar a teoria crítica e o pós-modernismo na história das idéias. Para estes autores histórias como essas são tipos de ficção que frequentemente servem a propósitos sociais presentes. São reconstruções que dão uma forma particular de pensar sobre o presente que podem ser semelhantes em contraste com outras abordagens organizacionais e diferentes entre si. É o que propõem com a grade apresentada na figura 3, onde a dimensão consenso-dissenso representa a relação entre as práticas de pesquisa e os discursos sociais hegemônicos.

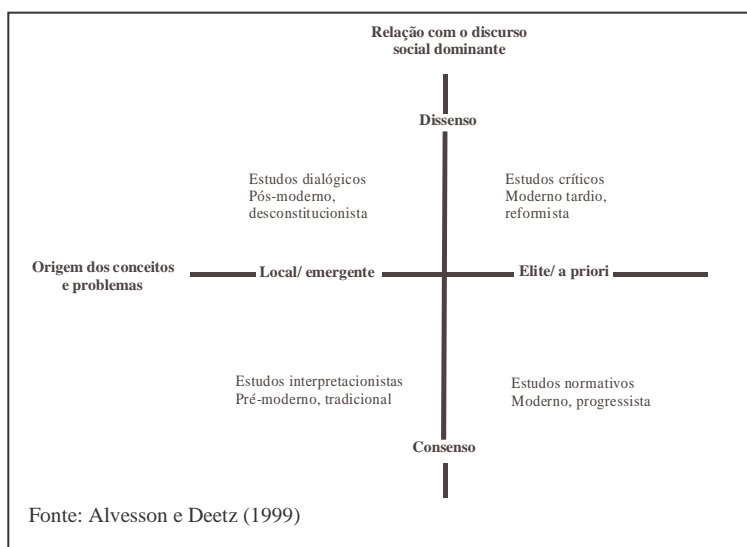


Figura 3 - Dimensões contrastantes da meta-teoria de práticas representacionais

Perspectivas de pesquisa podem ser contrapostas com “base em seu aprofundamento num conjunto dominante de estruturações do conhecimento, relações sociais e identidade” que os autores chamam de discurso de consenso. Ao ponto que essas perspectivas trabalham para desfazer tais estruturações chama-se de discurso de dissenso. Essa dimensão serve para apontar um modo significativo de pensar sobre como o pós-modernismo e teoria crítica diferem de outros programas de pesquisa em andamento (ALVESSON; DEETZ, 1999, p. 234).

O consenso-dissenso não deve ser entendido apenas como conformidade e divergência “mas como a apresentação de unidade ou de diferença, a continuidade ou a ruptura de um discurso dominante coerente, a confiança ou a dúvida como hipótese básica”. A chave sob a ótica do dissenso está na natureza construída das pessoas, ordens, e objetos e na necessidade/possibilidade de contestação da provável dominação presente nos processos políticos no qual o mundo percebido está baseado. Já o discurso de consenso posiciona a ordem das coisas como naturais, e mesmo quando as posiciona como construções a ênfase é na natureza espontânea, orgânica, natural das construções em vez de seu “caráter arbitrário e político” (ALVESSON; DEETZ, 1999, p. 235).

Ainda com relação à figura 3, segundo Alvesson e Deetz (1999), a dimensão local/emergente-elite/a priori enfoca a origem dos conceitos e dos problemas a serem formulados como parte do processo de pesquisa. O contraste entre as duas concepções apresenta diferenças que servem para mostrar um modo de ver a distinção entre os discursos pós-moderno e crítico. Aqui, compreende-se que o tipo de distinção proposta envolve a consideração de um complexo de concepções e conhecimento que extrapolam os objetivos desse trabalho, portanto, o que guia a identificação aqui proposta refere-se apenas à dimensão consenso/dissenso da grade de Alvesson e Deetz (1999).

6. Produção em dissenso com o discurso social hegemônico

A identificação da produção em dissenso com discurso social hegemônico, de acordo com os pressupostos da grade e Alvesson e Deetz (1999), pode ser observada no quadro 1. Foram encontrados apenas 5 artigos dentre os 517 analisados. Já era esperado um número muito reduzido desse tipo de estudos em Estratégia e Organizações, afinal, impera o ideal de homem racional econômico na produção em estratégia (WHITTINGTON, 2004; AKTOUF 2004), assim como também o funcional-estruturalismo nos estudos organizacionais (BURRELL, 1999; MOTTA; VASCONCELOS, 2002;).

Ano	Sub-temática	Título	Autores - Instituição	Natureza do Estudo
2002	Outros - Estrat e Organiz.	“Otimização” e Carta de Valores Organizacionais: Entre O Prescrito e O Mundo Real e Subjetivo das Experiências Vividas.	Nelson Silva Junquillo (UFES) ; Alfredo R. L. da Silva (UFES)	Empírico - Qualitativo
2003	Outros - Estrat e Organiz.	A Empresa e a Educação Profissional no Brasil: a interpretação dos empresários e a ação das organizações como estratégia empresarial.	Fernando de Souza Coelho (FGV-SP / UFSCar)	Teórico - Ensaio
2003	Outros - Estrat e Organiz.	Estratégias organizacionais de cooperativas de reforma agrária: dilemas e oportunidades.	Ana Rita Gallo (UFSCAR); Andréa Eloisa Bueno Pimentel (UFSCAR)	Empírico - Qualitativo
2004	Outros - Estrat e Organiz.	Liderança e gestão com pessoas: desafios do contexto contemporâneo.	Elisabete Stradiotto Siqueira (UNIMEP) ; Valéria Rueda Elias Spers (UNIMEP); Eduardo Eugênio Spers (UNIMEP); Claudio Antônio Pinheiro Machado (UNIMEP)	Empírico - Qualitativo
2005	Outros - Estrat e Organiz.	Do comércio informal ao arranjo produtivo local: considerações sobre o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.	Maria de Fátima Ribeiro (IBGE, COPPE/UFRJ); Luiza Rosângela da Silva (COPPE/UFRJ); Carlos Lessa (UFRJ)	Empírico - Qualitativo

Fonte: Anais do ENEGEP (2001-2005)

Quadro 1 - Produção em dissenso com discurso social hegemônico

Os artigos em dissenso foram publicados essencialmente na sub-temática *Outros – Estratégia e Organizações*, o que levou inicialmente a pelo menos duas hipóteses: 1 - não há submissão de artigos desse tipo para as outras sub-temáticas de estratégia e organizações; 2. a avaliação descarta os possíveis pouquíssimos artigos em dissenso com o discurso hegemônico que são encaminhados.

Uma outra compreensão que automaticamente se apresenta é que, caso o contexto dos paradigmas da ciência (BURRELL, 1999) seja considerado, fica óbvio que o publicável precisa estar dentro dos paradigmas dominantes. Publicar um artigo em dissenso com o discurso social hegemônico requer muitas vezes artifícios e reconstruções que transformem o artigo em produto aceitável por aqueles que estão decidindo dentro dos paradigmas. Tal postura, em face do amplo contexto político da ação, pode acabar por descaracterizar o posicionamento da produção transformando-a em mais uma peça do discurso hegemônico.

À guisa de conclusão

O presente artigo, enquanto parte de uma pesquisa maior que buscou uma discussão crítica da produção científica em estratégia e organizações no âmbito do ENEGEP de 2001 a 2005, teve o objetivo de divulgar uma síntese da base teórica crítica que permitiu a análise e apresentar produção em dissenso com o discurso social hegemônico em estratégia e organizações no ENEGEP. A compreensão que levou à classificação dos artigos dissidentes se deu a partir percepção nas unidades de contexto (os artigo na íntegra) de um tipo de ação de diferença,

ruptura, dúvida das estruturações dominantes como hipotese básica nos trabalhos (ALVESSON; DEETZ, 1999). Essa percepção advém naturalmente do resgate de um referencial teórico apreendido, porém de uma forma diferente da limitação formal linear em que normalmente esse referencial precisa ser apresentado e é consumido. Os conteúdos da teoria exposta estão na verdade intimamente relacionados entre si. Ganham força de significação para a identificação do dissenso das práticas de pesquisa com um discurso social hegemônico a partir do entrelaçamento de campos de compreensão sem domínios objetivamente definidos. Sendo assim, formam um complexo de significações, que requer obviamente a subjetividade. Nesse sentido, acredita-se que o mais relevante neste artigo é difundir possibilidades, que já são realidades em outros contextos, para a pesquisa em Engenharia de Produção.

Referências

- ALVESSON, M.; DEETZ, S. **Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais**. Cap. 8. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. *Handbook de Estudos Organizacionais – Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais*. v.1. São Paulo: Atlas, 1999.
- BERTERO, Carlos O.; VASCONCELOS, Flávio C.; BINDER, Marcelo P. **Estratégia empresarial: a produção científica brasileira entre 1991 e 2002**. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 48-61, out./dez. 2003.
- BURREL, G. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. Cap. 17. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. **Handbook de estudos organizacionais – modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. v.1. São Paulo: Atlas, 1999.
- BURREL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.
- CLEGG, Stewart; CARTER, Chris; KORNBERGUER, Martin. A "máquina estratégica": fundamentos epistemológicos e desenvolvimentos em curso. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 21-31, out./dez. 2004.
- GOMES-DA-SILVA, Orlando. **Discussão crítica da produção científica em estratégia e organizações no âmbito do ENEGEP (2001-2005)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 6. ed. São Paulo: Edição Loyola, 1996.
- HENDRY, John. Strategic decision making, discourse, and strategy as social practice. **Journal of Management Studies**, n. 37 v. 7, 2000.
- KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MATTOS, Pedro L.C.L. **A estruturação de dissertações e teses em administração: caracterização teórica e sugestões práticas**. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 175-198, set./dez. 2002.
- MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Thomson, 2002.
- POWELL, Thomas C. **Competitive advantage: logical and philosophical considerations**. *Strategic Management Journal*, Chichester, v. 22, p.875-888, 2001.
- POWELL, Thomas C. **The philosophy of strategy**. *Strategic Management Journal*, Chichester, v. 23, p.873-880, 2002.
- POWELL, Thomas C. **Strategy without ontology**. *Strategic Management Journal*, Chichester, v. 24, p. 285 – 291, 2003.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

WILSON, David C.; JARZABKOWSKI, Paula. Pensando e agindo estrategicamente: novos desafios para a análise estratégica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 11-20, out./dez. 2004.

WHITTINGTON, Richard. **O que é estratégia**. São Paulo: Thomson, 2002.

WHITTINGTON, Richard. **Estratégia após o modernismo**: recuperando a prática. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 44, n.4, p. 44-53, 2004.